

Henri Nouwen

De Coração a Coração

Três orações ao Coração de Jesus



EDITORIAL A.O.

Título original

Heart Speaks to Heart

© 1989 Ave Maria Press
Notre Dame, Indiana (USA)
ISBN: 0-87793-393-6

Tradução

Fernanda Freire | Mariza Marques de Athayde
Manuel Eduardo Iglesias, sj
© Edições Loyola, São Paulo, Brasil
(Tradução revista e adaptada para Portugal por Editorial AO)

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

498629/22

ISBN

978-972-39-0941-8

Maio de 2022

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Prólogo

Este livrinho de orações tem uma história única.

Entre agosto de 1985 e julho de 1986, vivi em Trosly, França, integrado numa comunidade de A Arca. A Arca é uma rede de comunidades espalhadas pelo mundo, onde pessoas com deficiências mentais e os seus cuidadores tentam viver juntos, segundo o espírito das Bem-aventuranças. Foi fundada em 1964 pelo canadiano Jean Vanier e pelo dominicano francês Thomas Philippe, na aldeiazinha de Trosly-Breuil.

Quando cheguei a Trosly, atribuíram-me um quarto em casa da Senhora Pauline Vanier, uma das pessoas mais alegres, polifacetadas e espirituosas que jamais conheci. É a mãe de Jean Vanier

e a viúva de Georges Vanier, ex-Governador-Geral do Canadá. Travar amizade com *Mammie* Vanier foi uma das graças especiais do ano que passei em Trosly, e essa amizade levou-me a escrever estas orações.

Tudo começou com um ícone que Robert Lentz fez para mim retratando João Evangelista reclinado sobre o peito de Jesus na Jerusalém celeste. Denominado «O Noivo», esse ícone constitui a melhor expressão do meu desejo de ter uma relação mais íntima com Jesus.

Mandei fazer várias fotografias de grandes dimensões dessa obra e emoldurar uma como presente de Natal para *Mammie*. Ela não só gostou imenso do ícone, tendo-lhe dado um lugar especial na sua sala de estar, mas também manifestou a sua gratidão falando-me da sua profunda devoção ao Coração de Jesus.

Embora eu andasse à procura de uma relação pessoal mais profunda com Je-

sus, nunca sentira um grande desejo de rezar ao «Sagrado Coração».

A piedade do século XIX e as imagens em que essa piedade se expressava tinham-me mantido afastado da devoção, que para muita gente sempre fora muito acalentadora. Assim, senti-me bastante hesitante quando *Mammie* Vanier trouxe esse tema à baila. No entanto, a forma como ela me falou foi diferente daquilo que eu esperava.

Falou-me do Padre Almire Pichon, sj. Este jesuíta tinha sido, durante algum tempo, diretor espiritual de Teresa de Lisieux. Também o fora da mãe de Pauline Vanier, tendo implantado no seu coração e na sua mente uma sólida e profunda devoção ao Sagrado Coração. Para ela, Almire Pichon era um verdadeiro homem de Deus, profundamente imerso no mistério do Sagrado Coração. *Mammie* lembrava-se bastante bem desse santo homem e estava convencida de

que a sua profunda devoção ao Sagrado Coração lhe tinha sido transmitida pela sua mãe e pelo Padre Pichon.

Passado algum tempo, quando voltámos a tocar no assunto, ela declarou com grande convicção e com um óbvio tremor na voz: «Henri, eu tenho a certeza absoluta de que Deus quer que tu escrevas sobre o Sagrado Coração». Apanhado de surpresa, não escondi a minha hesitação. «Bem», repliquei, «não me parece que o consiga fazer. Penso que não sou a pessoa indicada para isso. Não sinto a mínima inspiração para escrever acerca do Sagrado Coração».

Mammie não insistiu, mas, passado não muito tempo, subiu ao meu quarto, situado no segundo piso, coisa que nunca fizera até então. Como tinha oitenta e sete anos e muita dificuldade em andar, a sua subida ao meu quarto implicou um esforço e uma razão muito especial. Sentando-se na pequena

cadeira de madeira ao lado da minha mesa, disse: «Henri, o pensamento de que tu devias escrever sobre o Sagrado Coração não me larga. Estou certa de que não é apenas uma ideia disparatada de uma velhota, mas uma verdadeira inspiração que me ocorreu».

A firmeza do seu olhar e a autoridade na sua voz deram-me a entender que não era o momento para ser impertinente. Por isso respondi: «Sou todo ouvidos e vou tomar as suas palavras muito a sério, mas devo dizer-lhe que não faço a mínima ideia de como e quando o poderei fazer».

Mammie tranquilizou-me, sorridente: «Bem, logo saberás, e eu não vou parar de to recordar. Afinal, sou uma velha teimosa, que não tem medo de insistir contigo, sobretudo sabendo que aquilo que te digo vem de Deus».

Desatei a rir e disse: «Eu sei que não me vai largar. Prometo que continuarei

a escutá-la, mas precisa de ter paciência». *Mammie* dirigiu-me um olhar muito carinhoso, mas também muito decidido, e prosseguiu: «Não posso ter demasiada paciência porque já não sou uma rapariga nova e gostava de ver o teu trabalho terminado antes que o Senhor me chame de volta a casa!»

Depois daquela visita memorável, inventámos uma pequena brincadeira em que ela costumava dizer: «Henri, ainda não te esqueceste?», ao que eu replicava: «Não, não me esqueci, mas ainda não chegou a hora». Mais tarde, depois de me ter mudado para Toronto e quando falávamos ocasionalmente ao telefone, ela continuava a perguntar: «Ainda não te esqueceste?»; além disso, quando eu recebia a visita de alguns amigos comuns, estes traziam-me sempre um recado de *Mammie* – «se eu não me tinha esquecido» –, embora

me confessassem que desconheciam o significado do mesmo.

A minha vida tornou-se mais agitada, sobretudo depois de eu ter decidido mudar-me para Daybreak, a comunidade de A Arca em Toronto, vivendo e trabalhando aí como sacerdote. O tempo para escrever era mínimo e escrever sobre o Coração de Jesus parecia cada vez mais longe do meu espírito.

A certa altura, porém, um esgotamento físico e emocional obrigou-me a fazer uma longa paragem. Deixei Daybreak e fui para uma comunidade situada em Winnipeg, Manitoba, a fim de me tratar e recuperar as forças. Já perto da Semana Santa, senti um forte desejo de celebrar a paixão e ressurreição de Jesus em profunda solidão. Pedi aos Trapistas do município de Holland, Manitoba, se podia passar com eles a Semana Santa e a Páscoa. Enquanto me preparava para essa estadia, as palavras de *Mammie*

vieram-me de novo à mente. Liguei à minha amiga, Annice Callahan, rscj, que tinha escrito longamente sobre o Sagrado Coração, e pedi-lhe que me enviasse alguns livros sobre o assunto. Ela enviou-me, generosamente, uma caixa cheia de literatura, que levei comigo para o mosteiro. A Semana Santa parecia-me ser o momento certo para escrever sobre o Coração de Jesus.

Bem, era e não era! Mal me instalei no mosteiro, percebi que tinha ido ali em busca de silêncio e de oração e não para estudar os livros mais recentes sobre o Sagrado Coração. Percebi que não ia resultar. Durante os primeiros dias da Semana Santa li algumas coisas, sobretudo os textos sobre o Coração de Cristo escritos por Pedro Arrupe, sj, quando era Superior Geral da Companhia de Jesus. A coleção – intitulada, *Só n'Ele está a nossa Esperança* [In Him Alone Is Our Hope] –, tocou-me profundamen-

te, suscitando em mim um novo desejo de penetrar mais a fundo no mistério do amor de Deus vivido na paixão e ressurreição de Jesus.

Todavia, ocorrera uma certa mudança em mim. Eu já não queria escrever *sobre* o coração de Jesus. Comecei a discernir, dentro do meu próprio coração, um desejo real de falar *ao* coração de Jesus e de ser escutado por Ele. De certo modo, o apelo da Senhora Vanier já não me parecia um chamamento a escrever uma interpretação contemporânea da devoção ao Sagrado Coração, mas um convite a deixar que o coração de Jesus tocasse profundamente o meu coração e que fosse curado por essa experiência.

A dor de ter sido forçado a deixar Daybreak por algum tempo e de não poder estar lá durante a Semana Santa e a Páscoa trespassava-me o coração. Em certos momentos, parecia-me quase insuportável. No entanto, quando

olhava para Jesus a lavar os pés aos seus discípulos e a partilhar com eles o seu corpo e o seu sangue; a ser flagelado, coroado de espinhos e pregado na cruz; a aparecer aos seus discípulos e a mostrar-lhes as feridas das suas mãos, dos seus pés e do seu lado, percebia que tinha ido ali para rezar e para deixar que as minhas feridas se fizessem uma só com as feridas do meu Senhor crucificado e ressuscitado.

Quando chegou a Quinta-Feira Santa, comecei a escrever a Jesus – de coração a coração. Continuei a escrever na Sexta-Feira Santa e no Domingo de Páscoa. Não peguei em nenhum livro ou artigo. Limitei-me a rezar enquanto escrevia e a escrever enquanto rezava. Foi fácil; as palavras brotavam de mim sem esforço. Fluíam naturalmente e eu percebi que estava a fazer, precisamente, aquilo que *Mammie* esperava desde o início. Ela queria que eu rezasse e que

rezasse com todo o meu coração, sabendo que o coração de Jesus abriria o meu coração a essa oração.

Epílogo

A 28 de março de 1988, no mesmo dia em que fui para os Trapistas, a Senhora Pauline Vanier celebrava o seu nonagésimo aniversário com a comunidade de A Arca, em Trosly. Há dois anos, quando fiquei em sua casa, ela dizia-me muitas vezes: «O mais difícil para mim é nunca mais poder voltar ao meu amado Canadá para visitar os meus filhos e os amigos que ali vivem». Nessa altura, tinha uma saúde frágil e, com efeito, parecia que seria demasiado esgotante para ela fazer essa viagem.

Em breve recuperou algumas forças, porém, e, no outono de 1986, pôde visitar Montréal e passar dois dias com o seu filho trapista, Benedict, no seu